

EXTRA

Tropas francesas ocuparam o Rio



COLIGNY

Ocupou o Rio sem sair da França

GOVERNADOR

X

SOLDADO-POETA

Índia, 1555

— É descer muito!...

Este foi o comentário geral no palácio do governo quando se tornou pública a desinteligência surgida entre o governador Francisco Barreto e um apagado soldado português das tropas aqui estacionadas.

Todos criticam o governador, mais ainda pela gravidade dos atritos com um simples soldado sem eira nem beira.

O militar português que causou toda essa onda tem a mania de fazer versos e atende — segundo apuramos — pelo nome de Luís de Camões.

Rio de Janeiro, 10, novembro, 1555 (Urgente)

De dois navios artilhados e uma chalupa de mantimentos, 600 homens da expedição sob o comando de Nicolau Villegagnon desembarcaram, hoje, nesta baía do Rio de Janeiro, para edificar um império francês.

Na praia, os tupinambás, avisados da chegada, gritavam com alegria, tendo oferecido aos franceses um banquete sobre o chão tapetado de flores e plantas perfumadas.

Um a um, foram abraçados pelos índios, que se mantiveram alegres, mas silenciosos durante o almoço, segundo seus hábitos. Ao final, Villegagnon, levantando sua taça de cauim, saudou a confraternização de franceses e brasileiros. Um ancião tupinambá respondeu-lhe em duas palavras: "Sêde bem-vindos!"

Após o almoço os invasores descansaram dos quatro meses de viagem, através do Oceano. Tornou-se assim o Rio de Janeiro fiel súdito de Henrique II.

(Na pág. 2, novos detalhes)



TERROR DOS MARES BRASILEIROS — Cunhambebe, o terrível chefe índio das costas meridionais do Brasil, é o grande flagelo à navegação portuguesa na região. Outros chefes prestam-lhe obediência incontestemente. Nas horas de perigo, ele é o primeiro a expor-se. Não tem medo da artilharia e contam que possui armas que tirou aos inimigos. Uma das coisas de que se orgulha é de ter devorado, já, centenas de adversários. É amigo dos franceses que frequentam o Brasil e deu a Thevet, franciscano que acompanha Villegagnon, um tapete de presente.

GRAVISSIMA A SITUAÇÃO DO GOVÊRNO BRASILEIRO

No momento mesmo em que os franceses ocupam, em meio a flôres e festas, o Rio de Janeiro, governador e bispo do Brasil se desentendem séria e gravissimamente em Salvador.

O conflito entre o chefe do Poder e o supremo dirigente da Igreja no Brasil, adquire aspectos sobremaneira alarmantes. A população baiana está em pânico entre três grupos que se digladiam: um favorável ao governador, outro ao bispo e um terceiro contrário aos dois.

Sobre esses acontecimentos de conseqüências imprevisíveis, publicamos na página 3 detalhada reportagem do nosso correspondente em Salvador.

o Brasil em Jornal

1554/5
N.º 17

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

Comum: Cr\$ 10,00
Aéreo: Cr\$ 12,00
Atrasado: Cr\$ 15,00

Diretor:
AMARAL NETTO

Assessôres:
GUSTAVO BARROSO
JAYME COELHO

Redator-chefe:
CLAUDIO SOARES

Três papas em dois meses!

MORRERAM JÚLIO III E MARCELO II, SUBINDO PAULO IV AO TRONO PONTIFICAL

Roma, 23, maio, 1555 (Do correspondente)

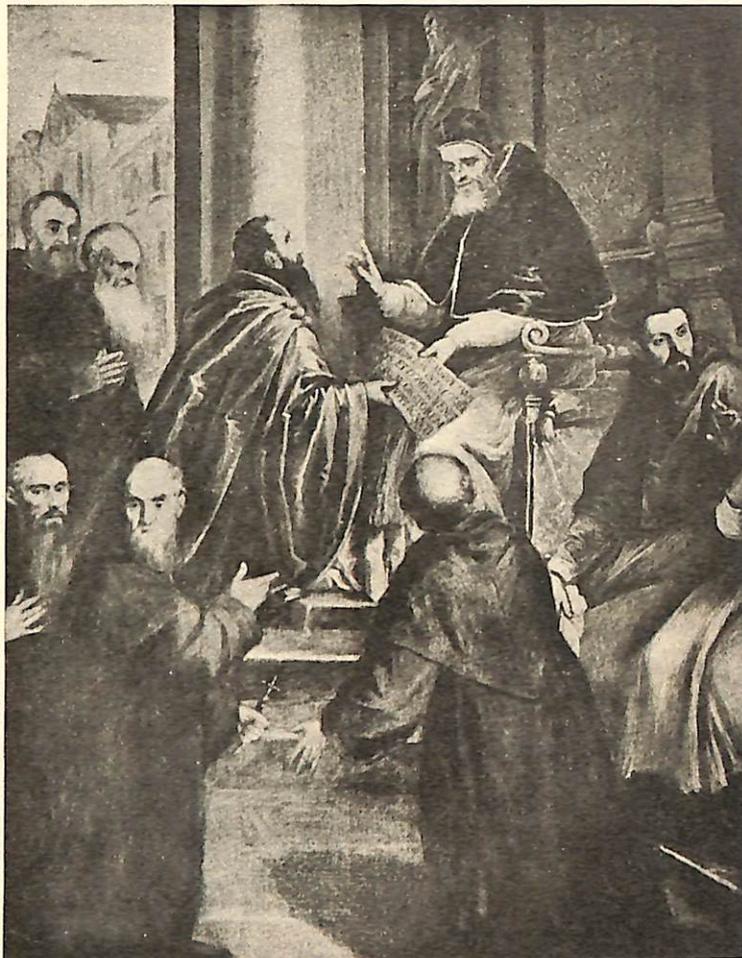
Depois da morte sucessiva de Júlio III e Marcelo II e com a presença de 45 cardeais, na segunda eleição realizada este ano, Giampietro Carafa, de 79 anos, foi escolhido hoje, por unanimidade, para ocupar a mais alta hierarquia da Igreja, derrotando as pretensões de Hipólito de Este, que mais uma vez queria o posto.

Antes da eleição de Paulo IV (nome que o cardeal eleito adotou), três cardeais foram cogitados sucessivamente: Pole, Puy e Bertano. O primeiro foi logo cortado por estar em Londres; ao segundo, que já parecia eleito, opôs-se Bertano, que, no entanto, não aceitou. Foi quando o cardeal Farnésio gritou: «Elejamos, então, o venerável deão do Sacro Colégio, que é muito digno do pontificado».

Na página 6 publicamos completo noticiário sobre a morte de Júlio III e Marcelo II, de acordo com os despachos recebidos de nossos correspondentes anteriormente ao que registrou a eleição de Paulo IV.

NÚMERO 16

Nosso número anterior, o 16, se refere aos anos de 1552/3 e não apenas 1552.



PAULO IV

Terceiro ocupante do trono de S. Pedro em apenas dois meses

Feiticeiras queimadas na fogueira

Alemanha, outubro, 1555 (Do correspondente)

Com um retrato do diabo sobre o peito, as roupas impregnadas de enxofre, cinco mulheres endemoninhadas foram queimadas vivas, diante de uma multidão incapaz de comover-se.

Em volta da fogueira, armada em praça pública, vendedores ambulantes apregoavam suas mercadorias. Os agentes policiais deram cumprimento a seu ofício sob os gritos da população.

Em menos de uma hora, as mulheres estavam torradas. Um observador do festim diabólico disse-nos que, pelo menos na Alemanha, a caça às feiticeiras é uma indústria rendosa. Os perseguidores de feiticeiras ganham fortunas em sua profissão e são gente de poder temibilíssimo.



FOGUEIRA HUMANA — Uma indústria rendosa

TROPAS FRANCESAS OCUPARAM O RIO!

Enquanto marinheiros e soldados ressonam, este enviado lembra o muito que se teve de fazer para alcançar-se a extraordinária vitória desta tarde.

Villegagnon obteve do rei Henrique II, além dos navios necessários para a empresa, o auxílio de 10 mil libras.

Marinheiros e soldados foram recrutados nas prisões de Paris, mas muitos preferiram a morte, a que já estavam condenados, à aventura de uma guerra em ultramar. Os navios, por duas vezes, largaram de portos franceses e por duas vezes voltaram, devido ao mau tempo. Muitos julgaram que a conquista não era da vontade de Deus e desertaram.

A vontade férrea do comandante e o apoio de uns poucos gentis-homens haviam, contudo, de trazer a França ao Brasil.

DE TUDO A BORDO

Entre a malta de criminosos de que se compõe a equipagem e o pequeno grupo de cavaleiros que a comandam, um fato se destaca: franceses não têm preconceito de religião.

Ao lado de católicos como Bois-le-Comte (sobrinho do comandante) e André Thevet, frade franciscano, figuram protestantes confessos como Villegagnon, Barré, Chapelle e Boissy.

Por trás do empreendimento hoje vitorioso está o almirante Coligny, também protestante.

MISSA

Rio de Janeiro, 11, novembro 1555 (Do enviado especial)

Com toda a tripulação atenta às palavras do pregador, o frade André Thevet disse hoje missa com cerimonial católico, embora o número de protestantes na esquadra de conquista seja bastante elevado.

Os índios amigos dos franceses ouviram-na com a mesma atenção. Após o cerimonial, Villegagnon determinou a seus comandados que se abstivessem de manter relações com os indígenas, a fim de preservar a disciplina entre a soldadesca.

O comandante percorreu a baía, à procura de um local

para a ereção de um forte e acabou optando por uma ilha, junto ao desagudouro de um riacho.

O fortim, segundo o pensamento de Villegagnon, receberá o nome de Coligny, como homenagem a quem tanto auxiliou para que o poderio francês se estendesse através do Oceano.

DESCONTENTAMENTO

Rio de Janeiro, 31, dezembro, 1555 — (Do enviado especial)

Após 50 dias no Brasil, soldados, marinheiros e gentis-homens começam a ficar descontentes sob o comando de Villegagnon.

A razão dos primeiros atritos poderia ser explicada pela ordem de os brancos não comerciarem com os índios para que «a devassidão destes não corrompa o moral dos ocupantes» — segundo ponto de vista do comandante.

Outra fonte pretende que a causa dos aborrecimentos seriam as dissensões entre os grupos católicos e protestantes.

A propósito, sabe-se que dois católicos de nomeada, Thevet e Bois-le-Comte, regressarão à França. O lugar-tenente de Villegagnon, Barré, confirmou-nos a ida de ambos, mas disse-nos que as razões não são inamistosas: Thevet veio como observador, já observou bastante e pretende escrever livro sobre os índios. Bois vai levá-lo e solicitará, em França, novos reforços para o prosseguimento da conquista.



PERSEU E A CABEÇA MEDUSA

Florença, 27, abril, 1554 (Do correspondente)

Confirmando o que O BRASIL EM JORNAL havia informado em números anteriores, Benevenuto Cellini, o grande escultor e cinzelador, inaugurou hoje, na praça da Signoria, uma das suas obras-primas: o «Perseu», estátua que realizou para Cosme de Médicis e cujos trabalhos iniciara cerca de dez anos atrás.

O duque Cosme acompanhou com interesse desusado o trabalho de Cellini, comparecendo quase diariamente ao «atelier» e oficina do artista. O «Perseu» de Cellini foi realização de inaudito esforço, custando-lhe noites e noites de insônia e trabalho intenso. Muitas vezes viu-se ele forçado a interromper sua obra para cinzelar jóias para a duquesa ou para reconstituir estátuas antigas.

Eis as palavras do artista para o repórter, referindo-se ao seu trabalho: «Depois que deixei esfriar o bronze dois dias, comecei a descobrir a estátua e o primeiro que tirei foi o molde da cabeça de Medusa, que saiu perfeita; igualmente saiu boníssima a testa de Perseu. Foi uma verdadeira maravilha que não haja faltado metal para nenhuma das partes. Parece um milagre.»

LIVROS E AUTORES

PEIXES

O eminente zoólogo Guilherme Rondelet, uma das principais figuras da pesquisa científica deste século XVI, publicou (1554) sua «História natural dos peixes», em que descreve grande número de peixes marinhos e de água doce e outros seres aquáticos. O livro do sábio de Montpellier tem seu texto ilustrado de excelentes gravuras em madeira.

MORRE POETISA

Veneza, 1554 (Do correspondente)

A poesia petrarquista italiana perdeu um dos seus bons valores, com a morte, este ano, nesta cidade, da poetisa Gaspara Stampa, pertencente à academia Pellegrini. Seus versos sempre revelaram fina cultura, se bem careçam de originalidade. São famosos seus sonetos apaixonados e ternos, inspirados no seu amor pelo conde Collatino di Collalto.

TRATADO

O humanista e teólogo francês Sebastião Castellion, professor de grego na Universidade de Basileia desde 1553, lançou este ano (1554) o seu «De haereticis» (Tratado dos heréticos), escrito em latim e em francês, sob o pseudônimo de Martin Bellie. Em sua obra Castellion revela certa tolerância religiosa. É sabido que trabalhou, há anos atrás, em Genebra, ao pé de Calvino, do qual divergiu em assuntos religiosos, passando a residir em Basileia.

CABEÇA DE VACA

Uma ótima indicação bibliográfica para nossos leitores: as incríveis façanhas de um dos mais famosos e temerários capitães espanhóis — Alvar Nuñez Cabeça de Vaca — foram reunidas em livro, publicado pelo secretário do capitão, Pero Hernandez. As viagens de Cabeça de Vaca à Flórida e ao Rio da Prata, nesta última já como adelantado e governador, constam do «Naufragios y Comentarios», assinado pelo grande aventureiro espanhol, de quem O BRASIL EM JORNAL se ocupou várias vezes.

REFORMA

Uma história fundada em documentos, que servirá como fonte inestimável para o estudo da Reforma, saiu este ano (1555), de autoria do historiador alemão Jean Phillip, conhecido por Sleidanus. É a primeira obra do gênero e chama-se «De statu religionis et reipublicae Carolo V Caesare commentari». Sleidanus prestou serviços a Francisco I, mas deixou a França por haver abraçado o protestantismo.

MEDICINA

Os estudiosos de medicina estão de parabéns: todos os trabalhos médicos e práticos escritos por Jerônimo Fracastoro, o famoso cientista e homem de letras italiano falecido em Caffi, em 1553 (O BRASIL EM JORNAL noticiou sua morte) foram reunidos num livro sob o título «Opera omnia».

RESPOSTA

O líder calvinista Teodoro de Bèze publicou este ano (1554) o seu «De haereticis a civili magistratu puniendis», em que defende a intolerância religiosa de Calvino e procura justificar a execução do humanista Miguel Servet, punido com a morte por heresia. A tese do livro constitui resposta ao tratado publicado neste mesmo ano por Sebastião Castellion, antigo adepto e hoje adversário do calvinismo. A polémica está empolgando os meios intelectuais e religiosos europeus.

HISTÓRIA

A literatura americana está enriquecida com o aparecimento (1555) de livro notável: a «Historia del descubrimiento y conquista del Perú», de Agustín de Zárate, contemporâneo dos principais acontecimentos ocorridos na América (foi testemunha da revolução de Gonçalo Pizarro). Trata-se de obra riquíssima em movimento, plano e estilo.

AVES

Pedro Bellon vem de publicar (1555) sua obra principal, que versa sobre zoologia das aves, das mais importantes dos últimos tempos, no terreno da história natural. Bellon, de quem já temos nos ocupado, mereceu até pensão de Henrique II, pelo seu reconhecido mérito como zoólogo e humanista. Seu livro, agora saído, contém uma notável estampa (a primeira no gênero) em que são mostradas as semelhanças entre os esqueletos do homem e das aves.

POETISA

Lúisa Labé, a poetisa francesa, que se fez notar como amazona e esgrimista, não é só bela de físico e de atitudes de grande dama: são também belos seus versos de amor, que formam entre os mais notáveis da língua francesa. Em boa hora Lúisa lembrou-se em reuni-los em livro, que publicou este ano (1555), com o nome de «Sonetos».



Fundado no sertão colégio jesuíta

São Paulo de Piratininga, 25, janeiro, 1554 — (Do correspondente)

Diante de uma casa pobre e estreita, de uns 10 metros de comprimento e 7 de largo, feita de barro e coberta de telhas, na colina entre dois ribeiros (Tamandatei e Anhangabaú), os jesuítas rezaram hoje missa solene, dando por fundado um colégio para os meninos da região. O oficiante foi o padre Paiva.

O local, que foi escolhido para sede do estabelecimento pelo padre Manuel da Nóbrega, em fins do ano passado, fica próximo à vila de Santo André e, junto mesmo ao barracão-colégio, estão acampados os índios amigos de Tibiriçá.

Em declarações ao nosso enviado, Manuel da Nóbrega informou que a escolha da região se deveu a motivos religiosos, econômicos e topográficos.

Os meninos que estudavam em São Vicente estavam longe dos seus pais, que só com muita dificuldade podiam visitá-los. O local onde está o novo colégio é muito propício à criação de gado e é ótimo ponto de escala para muitas tribos de índios.

Mas o principal motivo para a interiorização do colégio é manter os índios convertidos isolados dos homens brancos.

Antes de escolher o local, Nóbrega entrevistou-se com João Ramalho e conquistou a

amizade de Tibiriçá e de Caubi, outro chefe índio já bastante conhecido dos portugueses.

OS PIONEIROS

Entre os religiosos que aqui estão, destacamos o padre Manuel de Paiva e o irmão José de Anchieta, este contando apenas 19 anos de idade, e o padre Afonso Brás.

Tibiriçá, em pessoa, foi um dos que mais trabalharam na construção do barracão.

O nome do novo estabelecimento, inaugurado no dia da conversão de São Paulo, provavelmente será mesmo «São Paulo de Piratininga», em homenagem ao santo e ao lugar.

MAIS CASAS

São Paulo, 30, dezembro, 1554 (Do correspondente)

Porque a casa em que funciona o colégio dos jesuítas serve ao mesmo tempo de enfermaria, dormitório, refeitório, cozinha e despensa, resolveu-se, agora, iniciar a construção de outro prédio.

Diariamente, alunos e jesuítas (índios também) trabalham na construção. O padre Afonso Brás, vindo do Espírito Santo, traça os planos, lavra a madeira com sua enxó e carrega cestos de terra e água, como os demais.

Calcula-se que em breve o anexo já poderá abrigar mais alunos e jesuítas.

ATRITOS

São Paulo, 31, dezembro, 1554 (Do correspondente)

Um sério desentendimento teve início, inesperadamente, nesta cidade, entre os padres e os moradores leigos.

O irmão José de Anchieta revelou-nos, hoje, que os índios daqui são de natureza indômita e mais parecem feras, o que, disse-nos, «não é de espantar, dada a maldade dos próprios cristãos aqui residentes».

Ao que parece, a causa do atrito estaria mesmo na transformação do aldeamento provisório em colégio de padres.

João Ramalho, apesar das gestões feitas pelos sacerdotes para que ele se case com a índia Bartira, parece que considera uma usurpação de sua autoridade de alcaide e guarda-mor do campo, a presença de padres em Piratininga.

ESPAÑA ESPIONA PORTUGAL

Lisboa, 1554 (Do correspondente)

Esta cidade fervilha de espões espanhóis, interessados em saber até que ponto os portugueses evoluíram em suas pesquisas sobre o ouro brasileiro.

A contra-espionagem apurou que os agentes de Espanha enviaram para seu país uma relação de todas as embarcações que os portugueses têm em serviço no Brasil.

GRAVÍSSIMA A SITUAÇÃO DO GOVÊRNO BRASILEIRO

Salvador, 31, dezembro, 1555
(Do correspondente)

Com o povo nas ruas, discutindo e brigando por seus favoritos, tôda a cidade praticamente parou diante da maior crise interna já surgida no país: o atrito entre o governador Duarte da Costa e o bispo D. Pedro Sardinha.

A disputa entre ambos, a principio disfarçada, começou há dois anos, em consequência do comportamento irreverente do filho do governador, Álvaro da Costa.

Para o bispo, o môço Álvaro é um autêntico flagelo: as môças da cidade não podem ter sossêgo enquanto êle continuar em Salvador. Para o governador, o bispo é uma língua fêrina e que tem contribuído para o desassossêgo de todo o país com suas murmurações.

A opinião pública, pelas figuras mais representativas, está dividida em três partidos: os pró-bispo, os pró-governador e os que são contra ambos.

Em maio dêste ano, quando os índios resolveram atacar a cidade, a população pensou que as diferenças entre o governador e o bispo seriam superadas.

Nessa ocasião, o próprio Álvaro da Costa teve papel saliente no combate aos selvagens. Sua figura se projetou, quando êle bateu, sucessivamente, os rebeldes. Mas a guerra foi de curta duração. Em meado de junho, um dos cabecilhas indígenas, o chefe Tubarão, humilhou-se ante o governador e o conflito acabou com a vitória das forças legais, sob o comando de Álvaro.

Outra vez o disse-me-disse tomou conta da cidade.

VOLUME ENCADERNADO

Está à venda o I Volume de «A História em Notícias», luxuosamente encadernado com capa e contracapa em cores, contendo os primeiros 14 números de O BRASIL EM JORNAL.

No Volume II, a ser editado em março vindouro, será incluído um índice Remissivo completo dos dois volumes.

Como a tiragem do Volume I de «A História em Notícias» — em modelo que será rigorosamente obedecido em tôdas as futuras encadernações dos demais volumes — é reduzida, os interessados devem fazer sua encomenda o mais breve possível. Cada volume custa Cr\$ 300,00 para os não assinantes e Cr\$ 240,00 para os assinantes.

Para encomendas via aérea remeter mais Cr\$ 50,00. Tôdas as encomendas são atendidas em embalagem perfeita e seguem sob registro postal.

Faça hoje mesmo o seu pedido do Volume I de «A História em Notícias»

E não esqueça de que se você é assinante tem o desconto especial de 20%, ou seja, de Cr\$ 60,00, podendo adquirir o volume pelo preço líquido de Cr\$ 240,00.

BISPO MANDA ESPANCAR

O governador e seu filho dão a seguinte versão para o início das desinteligências:

— Em dezembro do ano passado, D. Sardinha, por motivo fútil, mandou o clérigo Fernão Pires espancar um pobre diabo (Silvestre Rodrigues). Álvaro e o ouvidor Borges acudiram ao infeliz e ouviram, ainda, o clérigo vangloriar-se de seu gesto. Imediatamente, Pires foi preso. No dia seguinte, o jesuíta Luís da Grã avisou ao governador do perigo que êste corria de ser excomungado pelo bispo. Segundo o jesuíta, Duarte da Costa deveria ter entregue o clérigo ao bispo D. Sardinha. Diante das explicações, Duarte pôs o prisioneiro à disposição do bispo e foi sumariamente absolvido por D. Sardinha, com a obrigação de contribuir com donativos para a Igreja. O incidente parecia encerrado, mas o bispo, ao receber o prisioneiro, mandou instaurar inquérito. Resultado: o agredido (Silvestre) perdoou o agressor e ainda disse que falara mal do bispo por ordem de Álvaro da Costa.

DEVASSOS

A explicação do bispo é totalmente diferente da do governador e seu filho. Conta êle que em novembro de 53, em conversa particular com Duarte da Costa, pediu providências quanto ao comportamento de Álvaro. Dêle colheu O BRASIL EM JORNAL o seguinte depoimento:

— «Em companhia de gente sem princípios, o filho do governador promovia arruaças e ofendia a Deus. No dia de Todos os Santos, preguei sobre tal abuso. Álvaro, por vingança, promoveu motins contra mim. Francisco das Vacas, a quem eu dera o cargo de chefe do côro da Igreja, e Gomes Ribeiro fizeram-me graves ofensas. Quis prendê-los e o governador não permitiu. Em seguida, pai e filho tentaram aprisionar um clérigo meu amigo. Infelizmente, estas coisas acontecem em plena capital do país...»

ESCRIVÃO PRESO

Com a agitação em tôrno da disputa, muita gente foi presa, várias autoridades foram destituídas de suas funções e o povo se sente inseguro.

Rodrigo de Freitas, por exemplo, acusado de malversação dos dinheiros públicos, foi demitido do cargo de escrivão de contas da cidade e pôsto a ferros.

Para Rodrigo, sua prisão se deve às intrigas e à necessidade que Duarte tem de colocar seus amigos em postos-chave da administração pública. Em seu lugar foi nomeado um criado do governador Duarte da Costa. No momento, êle, Rodrigo, responde a processo por crime de responsabilidade.

A O BRASIL EM JORNAL, o acusado disse que todo o processo é uma farsa e que se querem mesmo esclarecer o assunto devem deixá-lo falar em julho, em vez de o manterem preso.

— «Dizem que paguei despesas indevidamente. Pois saibam que não posso, de modo algum, ser responsabilizado por tais erros. Não houve suborno nem eu agi maliciosamente. A administração é que está à matroca.»

A onda de agitação na cidade se avoluma a cada instante. As pessoas de um partido ou de outro sentem-se em perigo. O médico Jorge da Costa, entretanto, é contra o bispo e contra o governador e seu filho, mas, mesmo assim, e talvez por isso mesmo, sofre ameaça dos dois lados.

Em junho, quando todos sabiam de sua opinião sobre a contenda, tentaram matá-lo. É Jorge quem nos conta:

— «Quando eu me preparava para dormir pressenti vultos no quintal de minha casa. Eram o filho do governador, Álvaro, e seu amigo Fernão Vaz. Ambos carregavam enorme pedregulho e se aproximavam de minha janela, furtivamente. Ai, chegando, atiraram-me a pedra sobre a cama e eu só pela graça de Deus não morri. Levantei-me e dei-me ao trabalho de pesar o pedregulho: 13 quilos! No dia seguinte, fui, incontinentemente, queixar-me ao governador. Qual não foi meu

pasmo... Duarte da Costa riu-se de mim, dizendo: «Não ligue para isso não... Vai ver que foi um limão que lhe atiraram...»

O médico resume-nos o seu ponto-de-vista sobre a contenda: «Duarte é controlado por seu filho de maus costumes e o bispo, por suas qualidades, é capaz de despostrar um reino, quanto mais uma cidade pobre.»

MINISTRO DESTITUÍDO

Acusado de não dar a devida atenção aos bens da Fazenda, o governador Duarte da Costa destituiu de suas funções o ministro Antônio Cardoso de Barros.

Cardoso incorporou-se imediatamente aos descontentes e pôs-se ao lado do bispo D. Fernandes. Sua destituição, segundo Duarte, deve-se a ter o ministro cuidado apenas de seus bens (dizem que êle é riquíssimo). Na nota de exoneração, afirmou o governador:

— «Homem que tem engenho e junta dinheiro, nesta terra, é muito prejudicial ao serviço do rei. Muitas vezes eu mesmo tive de fazer de governador e de ministro da Fazenda em virtude do descaso de Cardoso. Quando não tinha tempo, era meu filho quem se desincumbia de tão difícil tarefa. Cardoso, chamado às falas, não se emendou. Tive de substituí-lo, com vantagem, pois Pero Borges, que ora acumula as funções de ministro da Justiça e da Fazenda, não ganha ordenado pelo novo cargo.»

COUTINHO, VEXADO

Outra vítima das desinteligências é o capitão do Espírito Santo, Sr. Vasco Fernandes Coutinho. Coutinho, que já fora acusado de tentar bandear-se para os franceses, estava em Pernambuco e chegou a Salvador inesperadamente. Contou que em Olinda, quando o bispo ali esteve, de passagem, sofreu os maiores vexames.

Em entrevista com o governador Duarte da Costa, disse ainda que, em Pernambuco, só porque fumava, fora excomungado, de mistura com gente da pior espécie, e teve cassado o direito de, na Igreja, sentar-se em cadeira de espaldar.

Porque o governador lhe deu hospitalidade, o bispo, do púlpito, denunciou o que considerou conchavo contra a dignidade da Igreja.

CAPITÃO DO MAR, CONTRA DUARTE

O sucessor de Pero de Góis na defesa das fronteiras marítimas do Brasil, Sr. Francisco Portocarrero, faz pesadas acusações ao governador. Diz êle que, antes, no tempo de Tomé de Sousa, o país estava, ao menos, livre de demandas como as de agora. Portocarrero atribui a maior parcela de culpa ao governador «que não governa.»

Outro vulto de destaque nesta cidade, o capitão Simão da Gama, contou que, quando aqui chegou, antes da guerra contra os índios, a situação já era tensa. O bispo e o governador não se falavam. Êle mesmo procurou reconciliá-los, o que só conseguiu por pouco tempo.

Simão não se pronunciou quanto a quem considera culpado pelos desmandos no país.

FUGIRIAM TODOS

Invocando os jesuítas, a quem julga auxiliares insubstituíveis, o governador Duarte da Costa re-

sumiu, para o BRASIL EM JORNAL, o estado das coisas.

— «Soube que D. Fernandes se queixou ao rei de que meu filho não se porta convenientemente. Quanto a isso, eu mesmo me apressei a dizer ao soberano algumas verdades. D. João, parece, deu crédito às palavras do bispo e disse-me que só não puna Álvaro em atenção a mim.»

«Antes da guerra com os índios, estive para mandar Álvaro de volta para Portugal, a fim de que êle se explicasse pessoalmente. Mas o povo pediu-me que o não enviasse.»

«Tive uma conversa com o bispo, a quem fui visitar em

companhia de Luís da Grã, e pedi-lhe que deixasse de criar casos. Sobre o propalado motim de clérigos, nada sei. Posso apenas dizer que D. Fernandes tantas tem feito, que, se os padres pudessem, fugiriam mesmo a nado para Portugal...»

SEM COMENTARIO

Procurado por nosso correspondente no Brasil, para opinar sobre os graves acontecimentos no país, o padre Luís da Grã esquivou-se com firmeza. Disse-nos apenas que o assunto escapa a sua alçada e que tem mais com que se ocupar.

Valdívia torturado e morto

Tucapel (Chile), 1554 (Do correspondente)

Pedro de Valdívia, um dos melhores conquistadores castelhanos em ação nestas Índias Ocidentais, e capitão-geral do Chile, sucumbiu, no ano passado, numa guerrilha em que tentava dominar uma rebelião dos índios araucânios.

Os espanhóis (cerca de 50) foram surpreendidos pela tática indígena, que consistiu em lançar contra seus inimigos ondas de guerreiros, uma após outra, descansando a que se retirava, para voltar novamente à carga.

Sabe-se, agora, que esta maneira de combater foi adotada por iniciativa da principal personagem nessa inesperada vitória dos índios sobre um dos maiores soldados espanhóis, que era Valdívia. Trata-se de Lautaro (Filipe é o seu nome espanhol), jovem índio araucânio, que vivia entre os espanhóis e que, presume-se, tenha demoradamente estudado os hábitos de seus protetores e seu modo de combater, levando aos seus irmãos de raça preciosos ensinamentos, que lhe valeram essa estrondosa vitória.

MORTE HORRIVEL

Santiago, 1554

Notícias aqui chegadas do campo de batalha detalham a

maneira espantosamente cruel com que foi sacrificado o capitão Pedro de Valdívia. Apesar de não termos ainda confirmação, sabemos que Valdívia teve seu corpo lentamente cortado aos pedaços, suplicio que durou três dias. Outras fontes asseguram, ainda, que os ferozes araucânios teriam cortado os braços de Valdívia e os devorados na frente da própria vítima, horrorizada e esvaindo-se em sangue.

Reina profunda consternação pelo sacrifício de Valdívia. Com seu desaparecimento perdeu a Espanha e a América um grande vulto, renomado em seus feitos guerreiros e, também, largamente considerado como administrador.

Velho companheiro de Francisco Pizarro (era conterrâneo, pois nasceu na Extremadura), serviu Valdívia sob seu comando, tendo recebido ordem de conquistar e colonizar o Chile, fundando, em 1541, esta cidade de Santiago. Valdívia, se bem que amigo e protegido dos Pizarros, não concordou com a revolução pregada por Gonçalo Pizarro, tendo comparecido ao Peru para tomar parte na reação contra o chefe revolucionário, participando de atividades militares ao lado de Pedro de la Gasca, pacificador do país após a vitória e execução de Gonçalo.



MOTIVO

Exploração e maus tratos rebelaram os índios.

DEVORADOS DOIS JESUÍTAS

Cananéia, 30, setembro, 1554
(Do correspondente)

Atacados por selvagens desta região, morreram dois sacerdotes que tinham vindo aqui para catequizá-los. São êles Pedro Correia e João de Sousa.

Em fins do mês passado, os dois, em companhia de um leigo

de São Vicente, mostraram desejo de contribuir para a evangelização dos índios de Cananéia.

Com licença de seus superiores, partiram para cá cheios de planos. Os índios, porém, negaram-se a ouvi-los e os sacrificaram.

Ambos teriam sido devorados, informa-se.

EDITORIAL

Direito ou fôrça?

A invasão francesa do Brasil apanha Portugal às voltas com o desmoronar de seu império africano, exausto por uma expansão sem limites.

Naturalmente, Portugal irá apresentar seus títulos contra a ocupação: o tratado de Tordesilhas e sua ratificação posterior.

Por estes documentos e muitos outros anteriores, a soberania portuguesa, bem ou mal, é incontestada ante os interesses dos conquistadores. Mas já vimos o que eles valem para os poderosos: Francisco I não lhes deu maior crédito — quis ver o testamento de Adão que autorizava a partilha papal...

Apesar de católico e reconhecendo a autoridade espiritual do Papa, o soberano francês negava-lhe poderes para a distribuição de terras. A teoria dos reis de Portugal e Espanha, respondia com a de que só considerava válida a ocupação permanente. Neste espírito, foram preparados os esbulhos de Cartier e Roberval, no hemisfério norte.

Henrique II, retomando a doutrina de seu pai, julga-se à vontade para investir sobre o Brasil. Mas, cabe uma pergunta: os franceses duvidam realmente de que os portugueses, que já investiram fortunas em dinheiro e em vidas humanas em sua empresa sul-americana, ocupam o país?

De boa-fé não se pode responder afirmativamente.

Escolhida uma região desértica, entre os pontos populacionais de Salvador e São Vicente, eles desfecharam, agora, o golpe de fôrça. O Rio de Janeiro, onde há pouco estiveram Tomé de Sousa e Nóbrega, nas melhores relações com os índios, é, portanto, um ponto não ocupado, na opinião dos franceses.

Infelizmente, as nações mais fortes, ou que se julgam tal, guiam-se antes por seus interesses do que por atos legais. O único poder sobre o desvario dos reis, o da Igreja Romana, sofre, outra vez, um golpe mortal.

É provável que isso signifique a guerra. Mas o que as armas vierem a decidir não valerá mais do que os títulos, bons ou maus, estabelecidos em nome de princípios espirituais.

Vencerá o mais forte, mas não, talvez, a causa mais justa.

MÚSICA

CEGO ESCRIBE

Sevilha, 1554 (Do correspondente)

Confirma-se este ano notícia anteriormente dada pelo O BRASIL EM JORNAL: o músico (cego) espanhol Miguel de Fuenllana publicou sua obra «Orphenica Lyra» (em tablatura italiana) para viola, com ou sem canto, e acompanhada de algumas composições para guitarra.

Nas transcrições que figuram no seu livro há trechos de Vasquez e de Pedro Guerrero, além de obras de Josquin e de compositores flamengos, como Lupus, Gombert, Arcadelt e Willaert.

“CHANTRE”

Roma, 1554 (Do correspondente)

Quebrando a tradição, o papa Júlio III nomeou um leigo para o cargo de «chantre» (diretor dos

coros) da Capela Sistina. O cargo, até então reservado exclusivamente a sacerdotes, foi outorgado a Giovanni Pierluigi da Palestrina, eminente autor de música religiosa católica.

Palestrina foi agraciado com tão elevado cargo por haver dedicado à Sua Santidade a série de composições que publicou recentemente. Além de leigo, Palestrina é casado e tem filhos.

CANTOS HUNGAROS

Hungria, 1554 (Do correspondente)

A música húngara, até agora quase que limitada aos cantos gregorianos, começa, com as composições do musicista Tinody, a sofrer a influência da música popular, dando novo sentido às criações dos artistas húngaros e justificando a reputação que tem a Hungria como um dos mais intensos centros musicais europeus desde a Idade Média.



Morreu capitão de Pernambuco

Lisboa, 1554

Morreu, nesta cidade, o capitão Duarte Coelho, que aqui se encontrava para entender-se com o rei D. João III sobre questões ligadas à capitania de Pernambuco.

Em sua companhia estavam os dois filhos, que vieram a Portugal para estudar. Sua mulher, D. Brites de Albuquerque, está no Brasil, à testa dos negócios do marido, juntamente com seu irmão Jerônimo.

Na Corte, quando se soube da morte de Coelho, por intermédio de um parente do extinto, o monarca português, D. João III, não teve ânimo para dizer mais que três palavras, que definem a alta conta em que ele era tido em Portugal: «Muito bom cavaleiro!»

O que foi a ação de Duarte Coelho em Pernambuco pode ser demonstrado pelo estado em que se encontra aquela capitania, a mais progressista, segundo os observadores imparciais, apesar das queixas constantes do seu administrador.

IMABS



DECORAÇÃO

A arte da cerâmica francesa apresenta, neste século XVI, obras bellissimas, principalmente as chamadas faianças da cidade de Oiron, das quais reproduzimos para nossos leitores um lindo jarro de curiosa cerâmica incrustada, cujos motivos parecem inspirados em desenhos semelhantes aos usados em encadernações de livros. Vê-se, neste jarro, como ornamento, o brasão (três crescentes entrelaçados) de Diana de Poitiers, favorita de Henrique II.

A MODA COMO ELA É

Os homens elegantes estão começando a usar (conforme ditam os figurinistas espanhóis, que são os donos atuais da moda) este tipo de casaco com mangas colantes de brocado de sêda e bordados, debruado e forrado com arminho. Um detalhe de um «chic» extraordinário: a gola está ornada de pérolas, que descem também pela frente do rico casaco.

MEDICINA

Ciência de luto: Morreu Sylvius

Paris, 13, janeiro, 1555 (Do correspondente)

Acompanhado de todos os doutores da Universidade de Paris, com suas imponentes becas vermelhas, foi sepultado no cemitério dos escolares pobres o cientista Jacques Dubois, mais conhecido pelo nome latino de Sylvius, a quem a ciência deve os primeiros estudos importantes sobre anatomia.

Sylvius desaparece aos 77 anos (nasceu em Amiens, em 1478) e foi uma das mais interessantes figuras deste século, pelo seu alto valor e pelas suas excentricidades, dentre as quais uma desmedida avarice. Do seu dinheiro, que deve ser muito, nada se sabe.

Ao lado do cientista existia em Sylvius o fino letrado, cultor apaixonado do latim, que falava com pureza inigualável, além de traduzir com correção o grego e o hebreu. Mesmo sem ser doutor, dava aulas públicas de anatomia e de patologia, com maior auditorio que a própria Sorbonne. Foram muitos os cargos de importância ocupados pelo ilustre morto, que, ao desaparecer, exercia o alto posto (desde 1550) de professor do colégio real.

Deve-se a Sylvius, principalmente, a primeira descrição minuciosa da estrutura do encéfalo e o estudo do sistema venoso através da injeção de cêra nas veias do cadáver ainda quente. O BRASIL EM JORNAL associa-se ao pesar universal pela morte do grande cientista, ao qual, aliás, teve oportunidade de se referir por diversas vezes, em números anteriores.

ENSINO

UNIVERSIDADE

Alemanha, 1554 (Do correspondente)

A cidade de Dillingen, na Baviera, está em festas com a fundação de sua primeira universidade. O ato revestiu-se da solenidade de praxe, já estando as autoridades empenhadas na escolha de professores capazes para o início, o mais breve possível, do ensino no novo estabelecimento.

BAIANOS ESTUDAM

Cêrca de 24 mamelucos e índios estão, no momento, cursando o colégio dos jesuítas da Bahia. Mas uma informação causou desalento nesta cidade: o padre Luis da Grã, recém-chegado de Portugal, trouxe instruções para não se ocupar muito dos meninos.

Agora, acabam de chegar aqui mais uns vinte meninos, que, dada a falta de espaço, serão distribuídos por outras capitanias.

Desaparece botânico

Hornbach (Alemanha), 1554 (Do correspondente)

A ciência perdeu este ano um dos seus conhecidos nomes: o botânico Jerônimo Bock (seu pseudônimo é Tragus), considerado um dos pais da História Natural. O grande mérito de Tragus foi quase que praticamente dispensar as gravuras em suas obras de botânica pela fiel e perfeita descrição em seus textos.

SUCCESSO DO CATECISMO DE CANÍSIO

Vienna, agosto, 1555

Já saiu a segunda edição do livro do padre Canísio: «Suma da Doutrina Cristã», apresentada por perguntas e respostas e publicada pela primeira vez, para uso da infância cristã — por ordem e autoridade de Sua Majestade o Rei dos Romanos, da Hungria, da Boêmia, arquiduque de Austria.

A primeira edição saiu em abril deste ano, com uma tiragem de 4 mil exemplares, que se esgotaram logo. Uma das singularidades da obra está em que é um catecismo para crianças, mas escrito em latim. Há respostas que ocupam até cinco páginas. As margens das folhas estão, por pedido expresso do rei Fernando, cheias de referências aos escritos dos padres.

Canísio trabalhou no catecismo desde 1552, quando aqui chegou.

O BRASIL EM JORNAL
EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretários
RUBEM AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração
ADAIL

Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.
Tel.: 33-6647

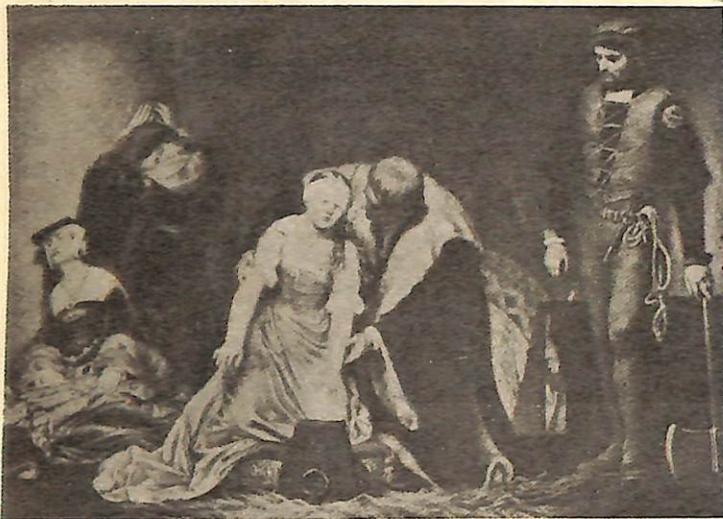
ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

Rainha por 9 dias morre sob o cutelo

JANE EM TRÊS TEMPOS

Nestes sensacionais flagrantes, apresentamos aos leitores três fases marcantes da curta vida da infeliz Jane Grey, que foi rainha da Inglaterra 9 dias e teve agora sua cabeça decepada, aos 17 anos.

No primeiro vemos Jane quando estudava sob as vistas de sir Roger Ascham; na segunda o momento culminante de sua vida, a oferta pelos nobres protestantes, da coroa real colocada a seus pés e, finalmente, no terceiro, o momento exato em que sua linda cabecinha era colocada sobre o cepo, enquanto o carrasco se prepara para o golpe do machado.



Londres, 12, fevereiro, 1554 (Do correspondente)

"Quando me elevaram ao trono, via por trás dele o cadafalso. Sou culpada de fraqueza, mas nunca de ambição", disse hoje a O BRASIL EM JORNAL, pouco antes de morrer, lady Jane Grey, a bela que foi rainha por nove dias.

Além de Jane, foram executados seu marido, seu pai (duque de Suffolk), sir Thomas Carew e sir Thomas Wyatt, que encabeçaram uma rebelião, logo que souberam da pretensão de Maria casar-se com Filipe. Jane suportou a morte com sangue frio e grandeza de ânimo.

Jane Grey nasceu em 1537, no palácio de Bradgate, onde passou os seus primeiros anos. Era neta de Maria, irmã de Henrique VIII, e prima de Eduardo VI, por quem tinha grande afeição.

O sábio Elmer ensinou-lhe o grego e o hebraico, o que ela preferia às partidas mais animadas de caça, passando grande parte de seu tempo entregue aos estudos. A sir Roger Ascham, secretário de Eduardo VI e preceptor de Elisabeth, Jane deveu muito também de sua formação cultural.

Como noticiamos no número anterior e segundo se depreende de suas derradeiras palavras, Jane foi levada ao trono não por sua vontade, mas pelo desejo de seu sogro, Northumberland, de conservar o governo a todo custo. Já o casamento da bela lady com Guildford fazia parte do plano do duque de continuar mantendo em suas mãos as rédeas do reino.

EM SOCIEDADE

Ramalho não pode casar com Bartira: sua mulher está viva em Portugal

Gente chegada do Chile elogia muito a beleza de D. Inês Suarez, mulher do capitão Rodrigo, companheiro de Pedro de Valdivia. Dizem mesmo que D. Inês leva vida de soldado e é capaz de acertar um alvo a cem metros de distância. Existe até quem afirme que o coração do próprio Valdivia agora morto, estaria na alça de mira da grande atiradora...

este ano aos 76 anos, fato que mereceu de O BRASIL EM JORNAL uma completa reportagem publicada neste número.

★

A corte da Inglaterra ficou fortemente impressionada com a maneira decidida e com o sangue frio com que a rainha (nove dias, apenas) Jane Grey subiu ao cadafalso, confessando sua culpa, mais dos outros do que dela mesma.

★

Uma notícia escandalizou o Brasil: Ramalho queria casar-se, religiosamente, com Bartira. Solicitou os bons ofícios de Nóbrega para que o casamento se consumasse. Isto foi o que informamos aos nossos leitores, em primeira mão. Agora, a nota que gerou mal-estar: a mulher de Ramalho ainda é viva e o casamento não se realizará mais.

★

Pelo pórtico do maravilhoso Castelo de Anet (Delorme o construiu), muita gente importante tem passado ultimamente, a procurar os favores e a proteção da verdadeira rainha de França, Diana de Poitiers. Os comentários fervilham, nem sempre favoráveis à hábil preferida do rei, que manda como nunca, apesar de tudo. Enquanto isso, Catarina de Médicis, a rainha de direito, parece esperar a sua vez...

★

As pessoas vivem hoje mais sossegadas em São Paulo, graças à significativa redução dos escândalos, pela ação moralizadora do Padre Nóbrega, que chegou mesmo a dizer: «A verdade prevaleceu: podemos gozar a tranquilidade do Senhor».

★

João de Salazar, espanhol radicado no Brasil, casou-se em São Paulo com mulher espanhola, sobrevivente do naufrágio da esquadra de Senabria (Isabel Contreras). A senhora Salazar queixa-se muito do Brasil, apesar da pensão que o governador Tomé de Sousa mandou lhe dar...

★

A nova geração recordou, através das reminiscências dos mais velhos, a história patética da rainha Joana, a Louca, a que enlouqueceu de amor por seu marido, Filipe, o Belo. Arrepiava os cabelos sabendo que a rainha louca mandava desenterrar, periodicamente, seu marido, para beijá-lo. Recordar-se hoje a história macabra de Joana, a Louca por ter ela morrido

O bispo D. Sardinha, do Brasil, não vê com bons olhos os processos missionários usados pelos jesuítas. Acha que os companheiros do Pe. Nóbrega não devem cantar os hinos cristãos com árias e instrumentos pagãos. Reparou que até os meninos índios que frequentam a escola têm seus cabelos cortados à moda da terra, o que também desaprova.

★

Comenta-se muito em Londres o que já é chamado de «casamento do século». Para muitos, Maria Tudor casou com Filipe de Espanha apenas para satisfazer o seu orgulho de solteirona, porque, dizem os mexicanos, ela gosta mesmo é de Pole; outros, no entanto, juram que é amor de verdade, «amor de 36 anos»...

COLUNA MILITAR

STADEN ESCAPOU POR SER ALEMÃO

Honfleur, 20, fevereiro, 1555 (Do correspondente)

Ferido numa luta entre os brancos (portuguêses e franceses), chegou hoje a este pórtico da Normândia o aventureiro alemão Hans Staden, que esteve mais de dez meses entre a vida e a morte, prisioneiro de índios brasileiros.

Staden declarou à reportagem de O BRASIL EM JORNAL que, por não ser português, escapou de ser devorado pelos canibais de Ubatuba.

Ele estava de serviço em Bertioiga, a convite do ex-governador Tomé de Sousa, quando, num passeio por perto do fortim onde era artilheiro, foi aprisionado pelos índios.

Revelou-nos o aventureiro que os índios do Brasil estão divididos entre portuguêses e franceses. Por infelicidade, os que o aprisionaram eram favoráveis aos franceses e ele pensou que não escaparia da aventura.

Staden tudo fez para convencer que era alemão. Enquanto estava prês, apareceu um mercador francês que se negou a ajudá-lo e, pelo contrário, recomendou aos selvagens que o devorassem.

Só a fé em Deus pôde salvá-lo. Staden conta-nos que, quando estava próxima a data de sua execução, certos acontecimentos, como a doença de chefes índios, vieram em seu auxílio.

Os selvagens atribuíram os maus fados ao desejo de devorá-lo e Staden foi sendo poupado. Participou, então, de uma expedição de guerrilha, juntamente com o chefe Cunhambebe.

VIU SACRIFICIOS

Uma das coisas que mais o impressionaram foi o sacrifício de prisioneiros. Quando se tratava de selvagem inimigo, o prisioneiro mostrava, na hora da morte, um estoicismo admirável. Insultava os que o iam matar e dizia-lhes que, assim como o matavam, ele já abatera centenas de adversários.

Mas, declarou-nos Staden, pude ver a morte de alguns portuguêses, a quem tentei confortar. É um espetáculo dantesco! Amarram o prisioneiro pela cintura, mordem-no, ofendem-no, provocam-no e, afinal, abatem-no com certo golpe no crânio. Depois vêm os preparativos para devorá-lo. Confesso que, apesar de homem já acostumado a tudo assistir, não pude suportar esse espetáculo.

Staden despede-se da reportagem dizendo que foi salvo por um navio francês e que, após seu resgate, quase foi morto por portuguêses que perseguiram sua embarcação para afundá-la. Ele agora pretende escrever um livro sobre as estranhas aventuras que viveu.



Tem-se notícia de que o Xá da Pérsia, na reforma que acaba de fazer nas tropas turcomanas a seu serviço, criou um corpo especial de zambureques, soldados montados em camelos, portadores duma colubrina de mão, que dão fogo, estando ela prês a uma espécie de escudo de couro e metal que cobre a primeira corcova da montaria.

MARIA E FILIPE ESTÃO CASADOS

Londres, 25, julho, 1554 (Do correspondente)

Depois de um rápido noivado, que provocou protestos, rebeliões e muitas mortes, casaram-se hoje, nesta cidade, a rainha da Inglaterra Maria Tudor e o príncipe espanhol Filipe, filho do imperador Carlos V.

Não só o povo reagiu contra o casamento. O próprio Parlamento relutou muito e, ao aceitá-lo, fez como medida de precaução as seguintes recomendações: Filipe deverá respeitar as leis do país; no caso de morte da rainha, não terá direito à coroa; se nascer um filho este herdará simultaneamente o trono da Inglaterra, da Borgonha e dos Países-Baixos; finalmente, Filipe não poderá arrastar o país às suas guerras com a França.

Logo após a cerimônia, o embaixador da Espanha, Renard, comentava com amigos: «Quando lhe fiz a proposta de casamento, ela se pôs a rir; não uma, mas várias vezes, lançando-me um olhar significativo de que a proposta lhe era muito agradável».

E mais: «Ela jurou que nunca sentira o agulhão daquilo a que se chama amor, nem caíra em pensamento de volúpia, e que jamais pensara em casamento, senão depois que aprouve a Deus elevá-la à Coroa e que aquilo que ela fizesse seria contra a sua própria afeição, pelo respeito à coisa pública».

A rainha travou com seus ministros uma tremenda luta para conseguir o casamento, sem falar na reação pública. Quando os embaixadores enviados por Carlos V chegaram a Londres, foram bombardeados com bolas de neve pelos garotos. Nas ruas brincava-se de «casamento da

rainha» e o menino que representava o noivo era «enforcado».

Mas tudo isso cessou quando Filipe desfilou pelas ruas da cidade, com um imenso

comboio de ouro extraído das minas americanas. Vendo todos esses barris depositados na Torre, os mercadores diziam: «pelo menos esse não vem roubar-nos».

TRÊS PAPAS EM DOIS MESES!

Roma, 1, maio, 1555 (Do correspondente)

A Igreja sofreu um tremendo golpe, com a perda, em pouco mais de um mês, de dois Papas: Júlio III, morto no dia 22 de março, e seu sucessor Marcelo II, que faleceu às primeiras horas de hoje, após um breve pontificado de 21 dias.

Júlio III morreu em consequência de um violento ataque de gôta, doença que, como os leitores de O BRASIL EM JORNAL sabem, o atacava com freqüência. Já Marcelo II teve morte quase repentina, pois foi atacado de apoplexia, ontem, e pela madrugada de hoje não tinha mais vida.

Júlio III caiu doente no dia 12 e no dia 21 não havia mais esperanças, embora ele, não pressentisse a gravidade do mal. Quando lhe sugeriram colocar os negócios em ordem e fazer do seu irmão Balduino cardeal, respondeu: «Há tempo».

No dia seguinte, os cardeais o cercaram e Jean Pierre Carafa lhe perguntou suas últimas vontades; se queria, por exemplo, que a bula sobre a reforma do conclave fosse publicada e observada. Não recebeu resposta. Carafa pediu, então, uma bênção. O doente tentou um esforço, mas não conseguiu fazer o sinal da cruz. Finalmente, no sábado, com paralisia total, morreu aquele que foi Júlio III durante cinco anos, um mês e 16 dias.

PAPA POR 21 DIAS

Marcelo Cervini foi o cardeal escolhido por unanimidade para substituir Júlio III, e na manhã de 9 de abril era conduzido por Madruzzo e Carafa, de sua cela, para a capela Paulina. No momento em que soava o Angelus, Cervini pronunciou o tradicional: «Acceptamus».

Havia no conclave 37 cardeais e a opinião unânime se resumia nestas palavras: é preciso um Papa santo; nada de intervenção de príncipes na escolha.

O grupo francês tinha como candidato Hipólito de Esté, cardeal de Ferrara. Carafa, no entanto, opôs a esta candidatura a que acabou vitoriosa. Dos 21 dias de pontificado, em apenas dez Marcelo gozou de perfeita saúde.

BIOGRAFIA DE MARCELO II

Segundo autoridades eclesiásticas, Marcelo seria um

Papa de tendências reformadoras, esperando-se dele um bom governo. Sua biografia, apesar de curta, é muito interessante, no sentido de ter sido ele um dos cardeais que informaram a recuperação da Igreja.

Nascido em Motesano, nas Marcas, no dia 6 de maio de 1501, Marcelo Cervini de Montepulciano recebeu uma educação esmerada em humanidades. Durante um ano de viagens a Roma, conquistou a simpatia do cardeal Alexandre Farnésio que, quando Papa (Paulo III), lhe confiou a educação de seu sobrinho Alexandre, muito cedo feito cardeal secretário de Estado.

Ordenado sacerdote e designado bispo de Nicastro, em 1539, no dia 18 de dezembro deste mesmo ano, viu premiados seus méritos com a concessão do capelo cardinalício.

Como cardeal, exerceu várias legações junto a Carlos V. Em 1545, atuou e se destacou como legado pontifício nas primeiras sessões do Concílio de Trento, exercendo também a presidência. Não foi o substituto de Paulo III, por oposição formal do imperador. Durante o pontificado de Júlio III, pôde demonstrar suas aptidões nos cargos de bibliotecário apostólico e presidente da Comissão de Reforma.

DADOS BIOGRÁFICOS DE JÚLIO III

João Maria de Ciochi del Monte que, como chefe supremo da Igreja, tomou o nome de Júlio III, já foi em várias oportunidades focalizado por nós. Quando de sua eleição para Papa, a melhor cobertura jornalística foi — segundo ele mesmo — a de O BRASIL EM JORNAL. Amigo nosso, mesmo antes de investido da suprema dignidade, juntamos o nosso pesar ao de todo o mundo católico, que nesta hora chora a sua morte.

Júlio III nasceu em Roma no dia 10 de setembro de 1487, sendo eleito e sagrado Papa em 1550. Bispo de Siponto (1512), de Pavia (1520), cardeal (1536), defendeu como legado no Concílio de Trento, em 1545, os interesses do Papa.

Foi ele quem, em 1550, reuniu de novo o concílio e suspendeu dois anos depois. Aliado de Carlos V contra Henrique II, fez a paz em 1553. Confirmou os estatutos dos jesuítas e os autorizou a fundar em Roma o Colégio Romano e o Colégio Germânico.

Um dos seus últimos atos foi a absolvição à Inglaterra, por intermédio de Reginaldo Pole.



D. JOANA

Portugal em festa: nasceu um herdeiro

Lisboa, 20, janeiro, 1554 (Do correspondente)

O desejado, o príncipe com que todos os portugueses sonhavam, nasceu, hoje, nesta cidade e, ao se espalhar a notícia, o júbilo em todo o país foi extraordinário.

Nas ruas de Lisboa, a população grita a plenos pulmões: «Portugal tem herdeiro!» «Viva o príncipe!»

O próprio rei D. João III vibrou com a notícia de que sua nora lhe dera um neto homem. As perspectivas para o país eram sombrias. Há 18 dias, após uma enfermidade rápida, morreu o príncipe João Manuel, último herdeiro de D. João III. Para que sua mulher, a princesa espanhola d. Joana, filha de Carlos V e portanto sobrinha de Catarina, a atual rainha de Portugal, não tivesse um parto acidentado, a notícia da morte do príncipe foi mantida em segredo. Hoje, d. Joana deu à luz um varão e está passando bem.

Da chancelaria nos comunicaram que só agora ela saberá que é viúva. O recém-nascido, ao que se informa, chamar-se-á Sebastião, em homenagem ao santo do dia em que nasceu.

Inglaterra retorna ao seio papal

Londres, 3, janeiro, 1555 (Do correspondente)



LATIMER
Ideal em fogo

Diante dos soberanos e das duas Câmaras ajoelhados, o legado pontifício Reginaldo Pole pronunciou hoje, em inglês, a fórmula solene de absolvição papal à Inglaterra, promovendo a reconciliação do reino com Roma.

Foram também revogados todos os estatutos e leis publicados desde Henrique VIII, contra a Santa Sé e a Igreja. Já no dia 11 de novembro do ano passado, Júlio III autorizara Pole a não exigir a restituição dos bens eclesiásticos, dizendo que «o que não podia ser vendido, pode ser dado para salvar tantas almas».

O cardeal Pole chegou a esta cidade em fins do ano passado, sendo recebido triun-

falmente em Whitehall por Maria e Filipe, que disseram ser ele o «escolhido pela Providência para essa missão».

No dia 28 de novembro, diante das duas Câmaras, ele expôs o objetivo de sua legação. No dia 30, o Parlamento suplicava a Maria e Filipe para solicitarem, por intermédio de Pole, a reconciliação do reino com Roma.

PERSEGUIÇÕES

Londres, 18, dezembro, 1555 (Do correspondente)

Foi discutida e votada hoje, por unanimidade, pelos Comuns, uma lei que põe em vigor a velha legislação de Ricardo II, Henrique IV e Henrique V contra a heresia. Este ato poderá agravar mais o movimento que se formou contra os protestantes, desde que se fez a reconciliação.

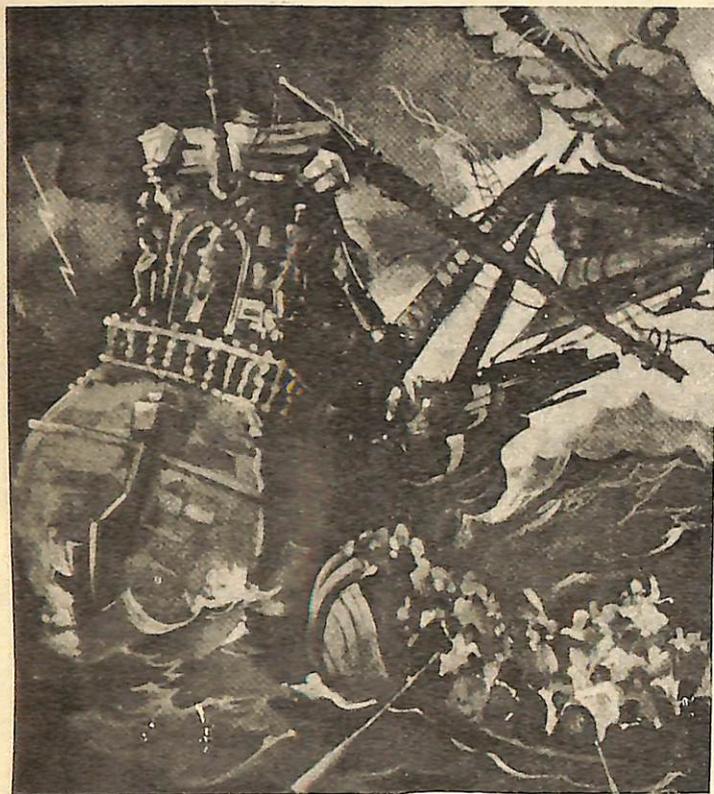
As primeiras vítimas da reação católica foram os pregadores presos sob Eduardo

VI que, sem admitir as medidas religiosas do último reino, protestam, no entanto, contra a reconciliação com Roma. Pole, que os teria tratado com doçura, confiou o julgamento a uma comissão onde figuravam Bonner e Gardiner que, sem piedade, proclamaram várias sentenças de morte.

De todas as execuções (e são muitas), a mais dramática foi a do velho pregador protestante Latimer que, com Ridley, foi queimado em Oxford. Teria podido facilmente salvar a vida abjurando, mas quando se abriu a discussão com os doutores, que precedia sempre o suplicio, respondeu que lera os Evangelhos sem nelas encontrar a missa.

«Ficai absolutamente tranquilo, Master Ridley — disse ao companheiro — pois acenderemos hoje na Inglaterra, com a graça de Deus, uma tal tocha que nunca mais se apagará».

Esquadra portuguesa tragada pelas águas



GALEAO
O mar foi mais forte

Russos e ingleses iniciam relações

Londres, fevereiro, 1555 (Do correspondente)

Pedindo o envio ao Kremlin de alguns conselheiros e prometendo livre comércio na Rússia para os mercadores britânicos, Ivan IV, o Terrível, mandou uma carta à coroa inglesa pelo navegador Richard Chancellor, que acaba de regressar de sua tentativa de atingir o continente americano pelo nordeste.

«Recebi o seu fiel servidor Richard e os companheiros, que viram a nossa majestade e os nossos olhos», diz a carta que marca o início das relações da Inglaterra com a Rússia.

Richard Chancellor partiu desta cidade há dois anos, com uma esquadra composta de três veleiros, sem saber para onde ia, pois «a carta de recomendação dada por Eduardo VI era dirigida a todos os reis, príncipes e senhores, a todos os juizes da terra, aos seus oficiais e a quem quer que possuísse alguma autoridade no mundo habitado».

Conta Chancellor que nas costas da Lapônia uma tempestade dispersou os três barcos, indo ele parar nos Estados do czar. Os que viviam junto ao mar nunca tinham visto navios europeus e a surpresa foi grande. A notícia chegou ao Kremlin e Ivan ordenou que «lhe enviassem os estrangeiros».

Em outubro de 1553 Chancellor chegava a Moscou, sen-

do acolhido com alegria. Traduziu-se, então, em russo a carta de Eduardo VI, da qual trouxe ele resposta.

«MOSCOVY COMPANY»

Londres, 1555 (Do correspondente)

Como conseqüência da política de aproximação, acaba de ser criada a «Moscovy Company» que, segundo informações, gozará de múltiplos privilégios, entre os quais, o de traficar até as extremidades da Rússia e mesmo além, em Boukhara e na Pérsia. Em compensação, diz-se que Ivan espera um acôrdo militar e político contra a Polônia.

CAIU SIENA

Siena, 17, abril, 1555 (Do enviado especial)

Após um cerco de quase um ano, onde o heroísmo dos habitantes, principalmente das mulheres, foi notável, esta cidade não resistiu mais à pressão e caiu em mãos dos imperiais.

A revolta que começou no ano passado, tinha como objetivo garantir a independência de Siena. Blaise de Montluc comandava a defesa e o cerco foi logo a seguir à derrota de Marciano, no dia 2 de agosto do ano passado. Siena está, assim, à mercê de Cosme de Médicis, que a conquistou.

Pará, 11, novembro, 1554 (Do correspondente)

Quase toda uma esquadra portuguesa foi tragada pelo mar à entrada de um porto nesta região. Cerca de 3 naus e 2 caravelas, com mais de 300 homens da equipagem desapareceram como que por milagre, sem deixar vestígio.

A esquadra, que era comandada por Luis de Melo da Silva, se destinava à ocupação do Maranhão. Seu comandante havia solicitado ao rei D. João III uma capitania aqui.

Fontes chegadas ao almirantado espanhol dão conta de que do desastre apenas escapou o pessoal de uma nau e de uma chalupa.

SALVOS

São Domingos, janeiro, 1555 (Do correspondente)

Quase mortos de fome e de cansaço, chegaram a esta possessão espanhola sobreviventes da esquadra portuguesa que naufragou à entrada do Pará.

Apenas um navio e uma chalupa puderam salvar-se. Entre os que escaparam estão o comandante Luis de Melo e João Rodrigues Palha, figura de destaque nos meios governamentais de Portugal.

Melo, ao que se disse, voltará incontinenti para Portugal, enquanto Palha continua no propósito de ir para o Brasil.

ARTE

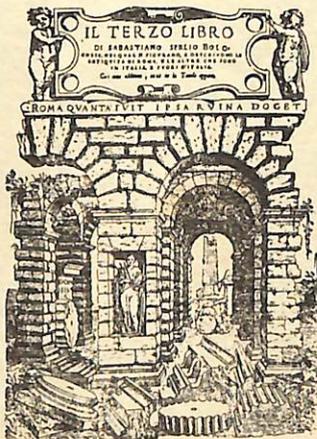
Vêm obtendo sucesso aqui em Londres como em toda a Europa as medalhas comemorativas executadas pelo gravador J. da Trezzo, retratando personagens ilustres de nossa época. Reproduzimos a medalha de Maria Tudor, rainha da Inglaterra, neste ano de 1554.



★

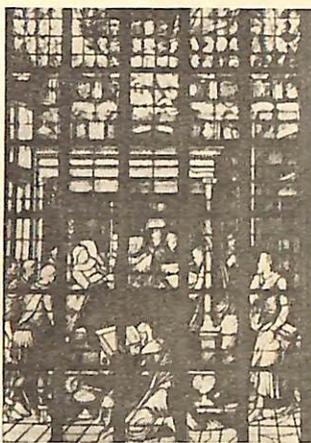
Sebastião Serlio, arquiteto (para alguns mediocre) e autor de obras que se tornaram conhecidas, faleceu no ano passado, 1554, em Fontainebleau. Serlio é o autor do livro muito conhecido entre os especialistas, os «Princípios de Geometria e de Perspectiva», do qual já estão publicados vários tomos.

Simple compilador dos arquitetos contemporâneos, Serlio foi realmente frus-



trado em suas realizações, não tendo conseguido, ao que se diz, terminar nenhum edifício confiado à sua realização. Mesmo assim, graças aos livros que escreveu, Serlio alcançou destaque, ocupando cargos importantes, como, por exemplo, o que obteve por favor real de Francisco I, rei de França: o de pintor e arquiteto para os edifícios e construções em Fontainebleau.

Reproduzimos para nossos leitores a capa da edição (1555) do terceiro livro dos «Princípios», de Serlio.



É do pintor holandês Pedro Aertsen (também chamado Pedro Comprido, pela sua alta estatura) este bellissimo vitral, que reproduzimos para nossos leitores. Representa um detalhe do «Sono da Santa Virgem», terminado este ano (1555) em Amsterdam.

Roma, 1555

Notícias da localidade de Caprarola informam que foi iniciada este ano a construção do monumental palácio da família Farnésio, à qual pertenceu o papa Paulo III. O plano da obra é de autoria do renomado arquiteto Giacomo Barozio, apelidado Vignola, nome da cidade em que nasceu, perto de Bolonha.

SUFOCADA REBELIÃO INDÍGENA

Salvador, 10, junho, 1555 (Do correspondente)

Os índios desta cidade foram inteiramente batidos pelas forças portuguesas sob o comando do filho do governador-geral do Brasil, sr. Alvaro da Costa.

Em 26 do mês de maio último, ocorreu um levante nos subúrbios desta cidade. Os índios atacaram fazendas de colonos em Itapuã, fizeram prisioneiros e carregaram todo o gado que acharam.

Em outros pontos da cidade, aproveitando-se da desarmonia entre o governador e o bispo, outros ataques tiveram lugar.

O governador destacou seu filho como comandante das tropas e este organizou, às pressas, uma milícia para enfrentar os sublevados. Antônio Cardoso foi cercado em seu engenho. Alvaro da Costa, com 200 infantes e alguma gente de cavalo, foi em seu auxílio e levantou o cerco. No dia 4 de junho, o capitão Costa atacou os índios em suas aldeias. O medo dos indígenas foi tamanho que eles resolveram pedir pazes.

Duarte da Costa, em declarações a O BRASIL EM JORNAL, disse que não faltava mais calamidade para lhe suceder. Estava empenhado em fazer cumprir as leis do reino com relação ao luxo excessivo da população, tinha de encerrar o problema do atrito surgido com o bispo e agora ocorreu-lhe ter de enfrentar a sublevação dos índios.

— «Felizmente, disse, tudo acabou bem».



O BRASIL EM JORNAL já havia noticiado, em 1550, a apresentação do plano de Vignola ao cardeal Alexandre Farnésio, chefe da grande família. Ao que tudo indica, a obra de Vignola formará entre as maiores realizações arquitetônicas da atualidade, não só pelo nome de quem assina a planta da construção, como também pelo empenho em que está Alexandre Farnésio em ver concluído seu velho sonho, que é o palácio de Caprarola.

★

O gênio inextinguível de Miguel Ângelo, na escultura, seu domínio favorito, presenteou o mundo das artes com mais uma obra-prima: «A deposição do Cristo», em que trabalhou desde 1553, em Roma, onde se acha há mais de 20 anos.



Morreu Joana, "a que enlouqueceu por amor..."



FILIPE, «O BELO»

Nem depois de morto escapou ao amor de Joana.

PROTESTANTES E CATÓLICOS FIZERAM ACÔRDO

Augsburgo, 3, outubro, 1555 (Do correspondente)

Depois de sete meses de discussão, em que, por várias vezes, católicos e reformistas ameaçaram romper a Dieta, foi finalmente assinado hoje um tratado de paz que é, na opinião dos observadores, o fracasso definitivo de todos os esforços de Carlos V para manter no Império a unidade religiosa.

A reunião tinha como principal objetivo estabelecer na Alemanha um modo eficaz de paz e direito, sendo as questões religiosas e territoriais os temas fundamentais de discussão. Fernando recebeu do imperador o encargo de firmar o acôrdo sem sacrifício da Igreja.

O texto do tratado reconhece oficialmente a existência do protestantismo na Alemanha e não admite liberdade religiosa dos indivíduos. Só o Estado é livre de escolher entre as duas confissões: católica e protestante. Príncipes e cidades aderem à doutrina de Roma ou de Wittemberg. O imperador admite isso e lhes concede o direito de organizar as igrejas e de praticar o culto. Mas, no interior do Estado, o cidadão simples deve seguir a religião do príncipe ou do magistrado: «Cujus regio, ejus religio».

Valaoli, 11, abril, 1555 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Depois de 50 anos de verdadeira morte em vida, pois durante este tempo a loucura a afastou do mundo, Joana, a infeliz rainha de Castela, mãe do imperador Carlos V e esposa de Filipe, o Belo, morreu hoje no castelo de Tordesilhas, onde estava encerrada desde 1509.

A vida de Joana é uma das mais comoventes histórias de amor que o mundo já conheceu e mostra até que ponto pode chegar uma mulher, quando ama perdidamente sem ser correspondida.

Nascida no dia 6 de novembro de 1479, Joana foi, segundo os testemunhos da época, «a mais bela criança que os pais poderiam desejar». Com

sua pele rosada e os olhos estranhamente verdes e nipônicos, mostrou desde cedo uma inteligência privilegiada, dedicando-se com igual prazer aos estudos e às artes. Conversava com os príncipes da Igreja em latim; expressava-se em versos com perfeição e tocava guitarra como ninguém, na corte. Em breve, tornou-se o ideal dos príncipes.

Aos onze anos, seus pais, Fernando e Isabel, os Reis Católicos, anunciaram que haviam encontrado o seu príncipe na pessoa de Filipe, O Belo.

UM MUNDO DE FELICIDADE

A 21 de outubro de 1496, realizava-se o casamento e em 1502, para aumentar a sua felicidade, era reconhecida herdeira dos reinos de Castela e Aragão. Parecia, então, que um mundo de felicidade a aguardava.

Mas, no fim desse mesmo ano, Filipe, vindo à terra de sua esposa, logo se aborrece e sente saudades de sua misteriosa Flandres. Deixa Joana na Espanha e parte. De temperamento ardente e ciumento, mistura de sangue aragones e castelhão, a princesa desconfiou que o seu marido voltava para os prazeres e antigos amôres.

DOLOROSA DECEPÇÃO

Temendo o seu mutismo, sua falta de sono e apetite, sua tristeza crônica, os pais resolveram atender ao pedido de Joana e deixam que ela parta em busca do marido. Chegando à corte de Filipe, encontrou o seu lugar tomado por uma bela loura, sobre quem, aproveitando a ausência de Filipe, descarregou toda sua violência espanhola. Este, quando soube do incidente, impôs à sua esposa grande humilhação. Apareceram, então, os primeiros sintomas de alienação mental.

Em 1504, Filipe desembarca em La Coruña, porque Isabel havia morrido e, impondo-se logo ao sogro, consegue ser aclamado rei de Castela em detrimento do testamento de Isabel. Em seguida, quis encarcerar a esposa, como de mente, e encarregar-se sozinho da regência. Mas as cortes de Valadoli juraram fidelidade à rainha.

A FASE AGUDA

A fase aguda da doença de Joana começaria, no entanto,

no dia 25 de setembro de 1506, data da morte de Filipe. Desde esse momento ela passa a usar vestidos de cores vivas e a visitar com frequência o túmulo do marido. De repente, resolve andar como uma mendiga. Um dia, sob o espanto dos que assistiam, manda abrir o túmulo e com sofreguidão beija os lábios e acaricia os cabelos do cadáver. Este episódio volta a se repetir todas as semanas. Como o clero e a nobreza protestassem, exige que o corpo do seu marido seja trasladado para Granada.



JOANA

Quando no auge de sua estranha beleza, com os primeiros sinais de loucura a toldar-lhe a fronte.

QUASE MEIO SÉCULO ENCARCERADA

No Natal de 1506, ela inicia uma peregrinação, que se torna famosa. Durante uma penosa viagem pelos campos de Castela, em que um cortejo de padres acompanha com cantos fúnebres, Joana por várias vezes fez abrir o caixão e repetiu as patéticas e repugnantes cenas de amor.

Fernando de Aragão, reposto no trono, teve que resignar-se a encarcerar a filha no palácio de Tordesilhas, em agosto de 1509, onde ela viveu até hoje, sob a vigilância do marquês de Dina e de seu filho. O terrível amor de Joana, em 8 anos de casamento, lhe deu dois filhos e quatro filhas.

"GOVERNAR PERNAMBUCO DÁ PREJUÍZO"

Olinda, 28, agosto, 1555 (Do correspondente)

Governar Pernambuco dá prejuízo (grande), tira a saúde e é pôsto que só se aceita em razão de muita amizade ou para se salvar um parente necessitado.

Quem pensa assim é o sr. Jerônimo de Albuquerque, ora à testa do govêrno.

Jerônimo é irmão da mulher de Duarte, D. Brites e, hoje, falando a O BRASIL EM JORNAL, disse que perdeu quase todas as suas economias, tentando melhorar a situação de Pernambuco: duas fazendas suas, no interior, foram destruídas pelos índios. Sua saúde já não é boa e ele só aceitou substituir Duarte por amizade à irmã.

Jerônimo vai pedir ao rei que dê investidura a um seu amigo no pôsto de arrendatário de certos engenhos. Está também propenso a largar tudo para cuidar do que é seu.

MORREU "PADRE VOADOR"

Brasil, 30, junho, 1554

Com um crucifixo alçado e recusando-se terminantemente a abandonar o navio que afundava, morreu, hoje, o padre Leonardo Nunes, a quem os índios chamavam de «Padre Voador».

Nunes ia para a Europa, com mensagem especial para Inácio de Loyola. Ao seu embarque, os chefes indígenas choraram e insistiram para que ele levasse seus filhos, a fim de que os meninos estudassem em Portugal. O padre não pôde atendê-los, em virtude de uma proibição nesse sentido.

Em razão de sua grande atividade no Brasil, Nunes era chamado pelos índios de o «Padre Voador». Aparecia no sertão, corria os campos, infatigavelmente. Surgia quando menos se esperava.

Em São Paulo, teve sério incidente com João Ramalho. Quando, num belo dia, o padre Nunes se preparava para dizer missa, apareceu Ramalho na igreja e o sacerdote o expulsou do templo.

«Rua! — disse ele — Os santos mistérios não podem ser celebrados na presença de pecadores excomulgados».

Ramalho retirou-se em companhia dos filhos, que prometeram vingança.

Sobreviventes do naufrágio informaram-nos que a bordo seguia, clandestino, um índiozinho brasileiro, que se negou a abandonar o padre Nunes. O menino morreu.

NOVO GOVERNADOR

Goa, 7, junho, 1555 (Do correspondente)

A Índia, a partir de hoje, tem novo governador: Francisco Barreto. Ontem, após a morte de Pedro Mascarenhas, já seu nome estava escolhido para governar o país.

Mascarenhas, que ficou apenas nove meses na chefia do govêrno, deu provas de alto espírito público, mas o ódio dos nacionais contra os portugueses dificultou-lhe o sobremodo o exercício do poder. A divisão entre católicos e não-católicos é o grande problema.

Barreto, que hoje assumiu seu pôsto, terá de enfrentar não só este problema como o da disputa do trono de Bidjapur. O partido que for apoiado pelos portugueses terá maiores chances de alcançá-lo, mas o que for preterido se tornará inimigo temível. Não se sabe quais os planos do novo governador.

TERRORISMO CALVINISTA

Genebra, junho, 1555

Um clima de terror invadiu esta cidade desde o dia 16 do mês passado, quando Calvino, depois de conseguir maioria no Conselho, abortiu a revolta que seus adversários tramavam contra ele.

Diversos processos de alta traição foram instaurados, ao curso dos quais, o reformador, com excessivo rigor e desumanidade, aplicou penas de tortura, morte e exílio. François-Daniel Berthelier, irmão do defensor de Servet, morreu no patíbulo.

A BATALHA QUE NÃO HOUE

Na reportagem publicada nesta mesma página, no nº 14, sob os títulos «Uma Reportagem especial» — «Os remos do Mediterrâneo às velas do Atlântico», o autor, nosso redator especializado em assuntos marítimos, cometeu grave engano quando afirmou: — «Foram elas (as galeacas), pela sua superioridade em armamento, que decidiram a vitória de Lepanto em que d. João da Áustria venceu os turcos e lhes arrancou a hegemonia naval no Mediterrâneo.»

O absurdo é evidente. Mesmo porque, até este ano de 1555, ninguém ouviu ainda falar que tivesse havido qualquer batalha naval de vulto em Lepanto... Da mesma forma, até agora, para desgraça dos cristãos, os turcos continuam sendo os detentores da hegemonia do Mediterrâneo...

Portanto, não houve a «vitória de Lepanto», simplesmente porque não houve batalha em Lepanto. Nem nenhum d. João venceu os turcos, uma vez que não houve nem batalha nem vitória...

Pedimos desculpas aos nossos leitores por esse lapso da nossa redação, lapso devido naturalmente a alguma confusão de nomes e fatos no momento em que era redigida a reportagem.

Ao mesmo tempo fazemos votos para que um dia, em Lepanto ou em outro qualquer lugar, as frotas cristãs consigam mesmo roubar aos turcos a tão falada hegemonia do Mediterrâneo. Que o nosso delirante redator tenha nas veias algum sangue de profeta, é o que O BRASIL EM JORNAL deseja, quando registra suas mais humildes desculpas pelo erro cometido.

VIGÁRIO-GERAL PARA O BRASIL

Lisboa, 17, setembro, 1555 (Do correspondente)

Atendendo à solicitação de Nóbrega, ora no Brasil, o rei de Portugal nomeou, hoje, para o cargo de Vigário-Geral naquele país, o bacharel em Teologia e Cânones, Francisco Fernandes.

Fernandes, que deverá seguir para o Brasil com a máxima brevidade, leva instruções do rei D. João III para ajudar em tudo aos jesuítas que se dedicam a catequizar os selvagens brasileiros.

CARLOS V DEU A FILIPE OS PAÍSES-BAIXOS

Londres, 22, outubro, 1555

O imperador Carlos V mandou chamar seu filho Filipe nesta cidade e lhe entregou hoje a soberania dos Países-Baixos.

Uma figura de projeção no Império garantiu-nos que isto representa o princípio da abdicação, pois Carlos V está muito cansado e aborrecido, desejando abandonar tudo e viver em sossêgo.

As principais causas apontadas para a possível renúncia são: derrota de Innsbruck, queda de Metz e a paz recém-assinada em Augsburgo.

FREDERICO "O MAGNÂNIMO" NÃO EXISTE MAIS

Weimar, Alemanha, 3, março, 1554 (Do correspondente)



JOÃO FREDERICO «O Magnânimo», teve sempre a espada na mão.

Um dos homens que mais lutaram pela causa de Lutero na Alemanha morreu, hoje, nesta cidade: é ele João Frederico, Eleitor de Saxônia, também chamado o Magnânimo, pelas suas virtudes.

Condenado à morte por rebeldia, teve, com a capitulação de Wittemberg, em 1547, a pena comutada para prisão perpétua. Mas depois de cinco anos de cativeiro, cumpridos com grande dignidade, João Frederico foi libertado pelos príncipes alemães.

Sua intervenção nos assuntos religiosos e políticos da Alemanha data de 1532.